

Vivemos em uma sociedade que valoriza e cultua o paradigma cartesiano, este sendo adotado pelas principais ciências como o modelo científico aceito. O mesmo prioriza a separação entre corpo/mente, razão/emoção e conseqüentemente essa dicotomia acaba gerando uma dissociação e esvaziamento das emoções do humano. Para estudar essas questões, o paradigma da Complexidade se propõe a trabalhar partindo da autonomia/rede, segundo os princípios auto – organizativos do Movimento da Auto – Organização (MAO), compreendendo que todo o conhecimento não pode ser separado do viver e do emocionar-se. Nesta perspectiva o GAIA (Grupo de Ações e Investigações Autopoiéticas) tem por objetivo investigar os principais pressupostos teóricos da II Cibernética e a sua aplicação na vida cotidiana dos indivíduos. Entendemos que todos se constituem enquanto pessoas na constante interação com o outro, onde todos ao mesmo tempo em que perturbam também são perturbados. O grupo se reúne semanalmente para discutir as questões relacionadas com o desenvolvimento dos projetos, como também espaço dedicado a leituras teóricas. Gravamos as reuniões e analisamos as falas em um processo dinâmico e complexificador, onde cada um dos participantes tem a oportunidade de falar de si, seus sentimentos e questões teóricas. Tudo que é produzido por um integrante acaba por afetar os outros, sendo que esta afecção gera uma perturbação e uma reconfiguração. Como as falas, o processo de escrita de si (auto – narrativas) também constitui um elemento de grande importância para as discussões. Desta maneira, esse processo está em construção e já podemos observar que os envolvidos estão se permitindo falar de si e seus sentimentos se complexificando enquanto pessoa e pesquisador.

Palavras – chave: Complexificação, Autopoiésis e Auto – narrativas.